

---

# **Contribuições de Stáline**

## **para a Ciência Militar e Política Soviética (VI)\***

• Ulrich Huar

### **Cooperação e luta de classes na coligação anti-hitleriana em 1944**

#### **A missão libertadora do Exército Vermelho**

#### **Finlândia**

No início de Fevereiro de 1944, o QG efectuou uma reorganização na secção norte da frente germano-soviética. A frente em Volkhov foi dissolvida e as suas tropas transferidas para a frente de Leningrado. O general Meretskov, que era até aí comandante-em-chefe da Frente de Volkhov, tinha expressado várias vezes o desejo de ser colocado na direcção Oeste, um desejo que não poucos generais soviéticos expressaram. Desejavam ser postos em combate na direcção principal para estar presentes na derrota do fascismo na sua própria caverna. Um desejo compreensível depois das devastações que os fascistas alemães tinham perpetrado na sua pátria, durante os cerca de três anos decorridos de guerra, depois dos sacrifícios que os povos soviéticos tinham feito para libertar a sua terra dos ocupantes.

Assim, Meretskov ficou decepcionado quando o QG o nomeou comandante-em-chefe da Frente da Carélia, no Norte.

Chamado ao QG em Moscovo, em meados de Fevereiro, foi informado por Stáline das razões por que o tinha nomeado comandante da Frente da Carélia: *«Você conhece bem a direcção Norte e adquiriu experiência na condução de operações ofensivas nas condições complicadas das zonas florestais e pantanosas. Você tem todos os trunfos, tanto mais que, já em 1939-1940, durante a guerra sovieto-finlandesa, comandou o exército na direcção de Viborg e rompeu a linha de Mannerheim. No presente momento não é adequado designar outra pessoa para a Frente da Carélia que não conheça as particularidades deste teatro de operações militares e não tenha experiência na condução de combates nas condições da Carélia e na região polar, uma vez que isto está ligado com organização sem demoras da destruição do inimigo. Qualquer outro comandante teria de apreender, o que levaria muito tempo.»*<sup>1</sup>

---

\* Este texto conclui a publicação do IV capítulo desta obra de U. Huar (N. Ed.)

<sup>1</sup> K. A. Merezkov, *Im Dienste des Volkes* (Ao Serviço do Povo), Moscovo, 1968, Berlim, 1982, 3<sup>a</sup> Ed., p. 318. [Citações cotejadas com o original russo, K. A. Meretskov, *Na Slujbe Narodu*, Politizdat, Moscovo, 1968, p. 366. (N. Ed.)]

Não havia nada a contra-argumentar.

Stáline e Meretskov conheciam-se já desde 1920. Stáline, então com 41 anos, membro do Conselho de Militar Revolucionário da Frente Sudoeste contra os polacos brancos de Pilsudski, que tinham ocupado temporariamente Kíev, encontrou Meretskov, de 25 anos, membro do Estado-Maior do comandante Iegórov, num comboio especial. Stáline quis falar com os colaboradores de Iegórov. Falaram de cavalos.

«Sabe tratar de cavalos?» – perguntou Stáline.

«Todos nós passámos a instrução em cavalaria, camarada membro do Conselho de Militar Revolucionário.»

«Por conseguinte sabe com que perna se deve subir para a sela?»

«Isso, cada um faz como lhe dá mais jeito. Há artistas para tudo.»

«E quando coloca a sela, também sabe dar um soco para tirar o ar do ventre do cavalo, de modo a que este não inche a barriga e engane o cavaleiro ao apertar a cilha?»

«Pelos vistos, sabemos.»

«Tenham em conta, camaradas, que se trata de coisas sérias. É necessário reforçar urgentemente o Estado-Maior do 1.º Exército de Cavalaria. É por isso que vos enviam para lá. Quem conhece o cheiro de um cavalo não tem lugar no Exército de Cavalaria!»<sup>2</sup>

Podem parecer anacrónicas as perguntas sobre os cavalos depois das experiências da I Guerra Mundial, da guerra de trincheiras no Ocidente e da introdução dos tanques e aviões. A cavalaria, com pouca utilidade na Frente Ocidental, teve uma grande importância estratégica durante a guerra civil e de intervenção no vasto território russo, onde não existiam frentes fixas nem uma guerra de trincheiras. Em algumas situações, a sua utilização foi decisiva para o desfecho dos combates. Mesmo depois da Grande Guerra Pátria, Stáline considerava útil a existência de alguma cavalaria para vigiar a extensa fronteira da URSS em regiões intransitáveis. As primitivas perguntas de Stáline, aos olhos do leitor de hoje, explicam-se pelo baixo o nível de instrução da maioria da população do antigo império tsarista: cerca de 85 por cento de analfabetos, atingindo 90 por cento nas regiões da Ásia Central. Stáline sabia fazer-se entender com gente simples.

É pouco provável que nessa altura Stáline tenha prestado especial atenção ao jovem Meretskov. Contudo, tinha uma excelente memória. Depois da guerra ainda se recordava deste primeiro encontro.

O teatro de guerra a Norte não era, pois, desconhecido para Meretskov.

Como as complicadas relações sovieto-finlandesas são pouco conhecidas, e na história burguesa e revisionista são deturpadas por tendências anti-soviéticas, parece-me justificado um pequeno desvio para melhor compreensão da guerra nas frentes de Leningrado e da Carélia.

Não só a Finlândia, mas toda a península escandinava é de importância económica e militar estratégica. Já antes da I Guerra Mundial, a Finlândia e a Escandinávia eram importantes para os Estados-Maiores da Grã-Bretanha e da Alemanha Imperial. A Finlândia pertencia à Rússia tsarista.

Entre os séculos XII e XVIII, a Suécia ocupou a Finlândia. Em meados do século XVIII surgiu a Rússia. Em 1712, a Suécia cedeu Viborg à Rússia, e o Sudeste finlandês em 1743.

---

<sup>2</sup> Idem, ibidem, p. 49. [Ed. cit., p. 52 (N. Ed.)]

Em 1809 seguiu-se a inclusão do Grão-Ducado da Finlândia no império tsarista.

Com o desenvolvimento do capitalismo no Sul da Finlândia, surgiram nas cidades as duas classes fundamentais da sociedade burguesa, a burguesia e o proletariado industrial. Em 1899, operários e intelectuais progressistas fundaram o Partido Operário da Finlândia, que mudou o nome, em 1903, para Partido Social-Democrata da Finlândia. Nesta época contava cerca de 13 mil membros.

Tomando parte na primeira revolução russa, os operários finlandeses entraram em greve geral em Outubro de 1905. Nas grandes cidades, como Helsínquia, houve manifestações de massas e formou-se a Guarda Vermelha.

Na sequência das revoluções de Fevereiro e de Outubro de 1917 na Rússia, a classe operária finlandesa também se sublevou. A 23 de Novembro (6 de Dezembro no calendário gregoriano), o Parlamento finlandês proclamou a independência da Finlândia. De acordo com a política leninista das nacionalidades, o Conselho dos Comissários do Povo reconheceu a independência da Finlândia a 18 (31) de Dezembro de 1917. As tropas russas retiraram-se sucessivamente. Deve reter-se: a fundação do Estado finlandês independente foi resultado da Grande Revolução Socialista de Outubro!

A 28 de Dezembro de 1917 (10 de Janeiro de 1918) iniciou-se a revolução operária finlandesa. A 15 (28) de Janeiro de 1918 formou-se o Conselho dos Representantes do Povo, sob a presidência do social-democrata Manner. O Conselho Geral Operário era o órgão supremo de poder, composto por 35 membros, dez sociais-democratas, dez funcionários sindicais, dez membros da Guarda Vermelha e cinco do *Helsingforser Sejm* das organizações operárias, um género de parlamento operário. O programa do Conselho de Representantes do Povo continha exigências democrático-burguesas. Não era ainda um programa socialista. No Sul da Finlândia, principalmente nas cidades, os operários tinham o poder. O *Sejm* [parlamento] das organizações operárias tinha as funções da ditadura do proletariado. Porém, também ele não ia além de medidas democrático-revolucionárias. O processo de clarificação das forças revolucionárias estava ainda em curso.

O Norte da Finlândia, atrasado e pouco povoado, onde os latifundiários exerciam o poder, foi a base territorial da contra-revolução finlandesa. Carl Gustav, barão de Mannerheim, ex-oficial do exército tsarista, foi a grande personalidade da contra-revolução finlandesa. Tinha recebido uma excelente formação do general Brussílov e pertenceu temporariamente à guarda pessoal do tsar. Depois da Revolução de Outubro, Mannerheim regressou à Finlândia, onde foi nomeado comandante das tropas contra-revolucionárias pelas forças reacçãoárias.

A reacção branca finlandesa não era capaz de lidar sozinha com a Guarda Vermelha e por isso fez um acordo com o Governo imperial alemão para utilizar grupos alemães na repressão da revolução.

A 5 de Março de 1918, o comando alemão estacionou tropas nas ilhas Alanda. O corpo de expedição alemão, a chamada «Divisão do Mar Báltico», sob o comando do major-general Rüdiger von der Goltz, desembarcou no porto de Hanko, uma antiga base naval da frota russa do Mar Báltico, situada na extremidade de uma estreita península à entrada do Golfo da Finlândia. A 3 de Abril, 12 mil alemães ocuparam a cidade portuária de Turku e cerca de três mil a cidade de Loviisa.

Depois de árduos combates, a 14 de Abril, as tropas de Mannerheim puderam conquistar Helsingfors (Helsínquia). No início de Maio, as forças conjuntas dos alemães e da contra-revolução finlandesa derrotaram a revolução. Cerca de 35 mil revolucionários foram vítimas do terror branco. O Exército Vermelho, fundado a 23 de Fevereiro, estava

ainda em formação e não pôde prestar qualquer ajuda. A Rússia soviética tinha de se defender de todos os lados contra a contra-revolução interna e a intervenção estrangeira.

Os alemães fizeram-se pagar caro pela sua intervenção a favor dos finlandeses brancos. O preço foi a perda da independência. A Finlândia ficou completamente dependente do imperialismo alemão. Até o historiador britânico, John Keegan, que não pertence exactamente aos amigos do Outubro Vermelho, teve de concordar que o governo finlandês «ficou comprometido» ao aliar-se à Alemanha.<sup>3</sup> A Revolução de Novembro de 1918, na Alemanha, também não pode alterar esta situação. Mais tarde, a Finlândia assumiu um papel central no plano dos fascistas hitlerianos, o plano «Barbarossa» para o assalto à União Soviética.

Stáline sabia-o e não só ele.

Com o início da II Guerra Mundial, a Escandinávia, nomeadamente a Noruega, passou a merecer a atenção do almirantado britânico.

\*\*\*

Desde o início que o almirantado britânico estava ciente da importância estratégica da Escandinávia. Com o eclodir da II Guerra Mundial, os 1600 quilómetros da costa norueguesa, da entrada do Mar Báltico até ao Norte do círculo polar, tornaram-se o foco da estratégia britânica. Como Churchill escreveu «*tinha uma importância estratégica imensa*».<sup>4</sup>

Ele tinha razão quando pensava que a indústria de armamento alemã dependia principalmente do minério de ferro sueco. Nesta época, a Suécia detinha 22 por cento de toda a produção europeia. Para a indústria de armamento alemã, além do minério de ferro sueco, também os fornecimentos de níquel finlandeses eram insubstituíveis. Os fornecimentos à Alemanha eram feitos por via marítima, no Verão pelo porto sueco de Lulea, no Golfo de Bótnia, no Inverno por Narvik, no Norte da Noruega, a 68 graus de latitude a Norte na região polar. Depois da ocupação da Noruega, a 9 de Novembro de 1940, os cargueiros com minério de ferro navegavam ao longo da costa norueguesa, na área da aviação alemã.

A Noruega oferecia também vantajosas bases para os seus submarinos e para a sua frota naval. Partindo da Noruega, a marinha de guerra podia entrar no Atlântico Norte pelo Mar da Noruega através do estreito da Islândia e assim romper o bloqueio britânico na direcção oriental, entrar no Mar de Barents até ao Mar de Kara, na costa norte da União Soviética. Este último ainda não interessava a Churchill, mas Stáline e o almirantado soviético conheciam a sua importância.

A Noruega também era importante para os fascistas alemães por razões económicas. A indústria de armamento importava anualmente deste país 25 mil toneladas de cobre e 30

---

<sup>3</sup> John Keegan, *Der Erste Weltkrieg. Eine europäische Tragödie* (A I Guerra Mundial. Uma tragédia europeia), Reinbek bei Hamburg, Outubro 2001, p. 530.

<sup>4</sup> Churchill, *Der Zweite Weltkrieg* (A II Guerra Mundial), versão num volume, op. cit., p. 229. [Ed. cit., Vol. 1, p. 478. (N. Ed.)]

mil toneladas de alumínio. A Noruega cobria 75 por cento das necessidades alemãs em molibdénio e 100 por cento das necessidades de enxofre.<sup>5</sup>

Churchill citou pormenorizadamente o relatório que o almirante Raeder, comandante supremo da Marinha de Guerra alemã, apresentou a Hitler em 10 de Outubro de 1939. Raeder sublinhava «*as desvantagens que teria para nós uma ocupação da Noruega pelos ingleses: o controlo das entradas para o Mar Báltico, a perturbação das nossas operações navais e dos nossos ataques aéreos contra a Inglaterra, assim como o fim da nossa pressão sobre a Suécia.*» Raeder sublinha também «*as vantagens que teria para nós a ocupação da costa norueguesa: saída para o Atlântico Norte, impossibilidade de uma barreira britânica de minas, como em 1917-18.*»

No mesmo dia, Hitler ordenou ao Estado-Maior da *Wehrmacht* que preparasse a invasão da Noruega.<sup>6</sup>

Contudo, Churchill omite o facto de que a invasão da Noruega também se dirigia contra a União Soviética.

O anticomunismo e anti-sovietismo profundamente enraizados de Churchill manifestam-se na sua descrição da guerra sovieto-finlandesa de 30 de Novembro de 1939 a 12 de Março de 1940. Mesmo considerando o Pacto Germano-Soviético de Não Agressão, de 23 de Agosto de 1939, o qual Churchill não podia ignorar, as suas afirmações sobre esta guerra devem caracterizar-se como uma difamação da União Soviética. Churchill conhecia as razões que conduziram à guerra. No entanto caracterizou a guerra sovieto-finlandesa como um «*ataque não provocado da colossal potência soviética contra uma pequena nação, enérgica e altamente culta*», como um «*espectáculo de brutal intimidação e agressão.*»

Churchill sentiu «*um forte desejo de ajudar os finlandeses com aviões e outro material de guerra precioso e com voluntários da Grã-Bretanha, dos Estados Unidos e sobretudo da França.*»

Neste quadro, o porto do minério de ferro de Narvik adquiriu uma nova importância, mais «*sentimental*» do que «*estratégica*». O Governo britânico, que se dizia «*relutante*» em violar a neutralidade norueguesa, tencionava agora, «*movido por sentimentos generosos*», exigir à Noruega e à Suécia «*a livre passagem de tropas e de fornecimentos de material de guerra para a Finlândia.*»

Mas, abstraindo-se dos seus «*sentimentos generosos*», reconhecia prosaicamente que «*se Narvik se tornar uma espécie de base aliada para abastecer os finlandeses, será por certo fácil impedir os navios alemães de carregar minério de ferro no porto e depois navegar em segurança ao longo da costa até à Alemanha.*»

Em 2 de Março de 1940 (dez semanas antes da ofensiva alemã!), o Governo francês do primeiro-ministro Daladier decidiu enviar para a Finlândia 100 mil voluntários e 100 bombardeiros. A 12 de Março, o Governo britânico reactivou os planos para o desembarque de tropas em Narvik e Trondheim, devendo seguir-se desembarques em Stavanger e Bergen, como parte «*do aumento da ajuda à Finlândia*».<sup>7</sup>

---

<sup>5</sup> A. M. Noskow, *Das Ausscheiden Finnlands aus dem Krieg. Die Befreiung Nordnorwegens* (A Saída da Finlândia da Guerra. A libertação do norte da Noruega), in: *Die Befreiungsmission des Sowjetstreitkräfte...* (A missão libertadora das forças armadas soviéticas...), *op. cit.*, p. 261.

<sup>6</sup> Churchill, *Der Zweite Weltkrieg* (A II Guerra Mundial), versão num volume, *op. cit.*, p. 230. [Ed. cit., Vol. 1, p. 483. (N. Ed.)]

<sup>7</sup> Idem, *ibidem*, pp. 231, 233, 234, 237. [Idem, *ibidem*, pp. 485, 488, 489 e 517. (N. Ed.)]

A França e a Grã-Bretanha encontravam-se em guerra com a Alemanha fascista, no entanto, ambas estavam dispostas a ajudar militarmente um Estado declaradamente vassalo de Hitler, contra a URSS, à custa do enfraquecimento das suas próprias forças. Mesmo depois do assalto dos fascistas alemães à Polónia, a 1 de Setembro de 1939, os governos francês e britânico mantinham pois a esperança de poder dirigir a agressão fascista contra a União Soviética. A Finlândia tinha um papel importante neste conceito estratégico. A fronteira sovieto-finlandesa situava-se perto de Leningrado. Leningrado encontrava-se ao alcance da artilharia do agressor estacionado em território finlandês. A partir da sua costa sul podia-se bloquear o acesso da frota soviética do Báltico ao Golfo da Finlândia. O porto de Hanko, no extremo sul de uma estreita península, tinha uma posição chave estratégica. Não só os alemães, mas também os imperialistas franceses e britânicos consideravam a Finlândia uma base para uma agressão à União Soviética.

Compreende-se assim que a Finlândia tenha recebido apoio material e militar tanto da Grã-Bretanha e da França como da Alemanha, ainda que não oficialmente devido ao acordo de neutralidade desta última com a URSS. Isto apesar de ambos os grupos imperialistas já se encontrarem em guerra, embora no início, em 1939-40, tenha sido conduzida de forma muito contida, ficando na história como a «guerra cómica».

Mas não havia nada de cómico! Era um compromisso na base do anti-sovietismo destinado a não se causar danos mútuos. O anti-sovietismo era o elo de ligação de ambas as coligações imperialistas em «guerra», que se manteve com intensidade variável até depois da capitulação da Alemanha fascista.

Que fique desde já claro: a Finlândia com os seus cerca de três milhões de habitantes, num território com 338 145 km<sup>2</sup> (mais ou menos a área da Alemanha Federal) e um sistema capitalista medianamente desenvolvido nas cidades do Sul, não constituía nenhuma ameaça para a União Soviética. A ameaça partia das grandes potências imperialistas, nomeadamente da Alemanha, que utilizava o território finlandês para a sua política de agressão, subjugando para esse fim o povo finlandês.

Sectores reaccionários da grande burguesia, das forças armadas, dos latifundiários assim como dos funcionários públicos finlandeses apoiavam activamente a política de agressão das potências imperialistas. De acordo com interesses específicos, apoiavam ou o poder alemão ou britânico.

Não faltavam sequer objectivos expansionistas às camadas mais reaccionárias da sociedade finlandesa. Estes finlandeses brancos sonhavam com uma «*Grande Finlândia*», do «*Golfo de Bótnia até ao Mar Branco e ao Lago Ilmen.*»<sup>8</sup> Mesmo publicistas anti-soviéticos e anticomunistas assinalam as ambições de uma grande Finlândia.<sup>9</sup>

Depois da derrota da revolução em 1918, o comandante supremo das forças armadas finlandesas, general Mannerheim (marechal desde 4 de Junho de 1942) mandou erigir um fortíssimo sistema de defesa no istmo da Carélia. Este sistema nunca poderia ter sido construído exclusivamente com meios financeiros finlandeses. As potências imperialistas disponibilizaram dinheiro, tecnologia moderna e especialistas para este fim.

As primeiras fortificações foram construídas entre 1920 e 1929. Depois de uma interrupção, a construção foi retomada no Verão de 1938. As novas fortificações ficaram

---

<sup>8</sup> Merezkov, op. cit., p. 157. [Ed. cit., p. 177 (N. Ed.)]

<sup>9</sup> Cf. Waldemar Erfurth, *Der Finnische Krieg 1941-1944* (A Guerra finlandesa 1941-1944), 2<sup>a</sup> ed. revista, 1977, Wiesbaden e Munique, 1950, p. 197. General de Infantaria, Erfurth era o oficial de ligação entre o Alto Comando da *Wehrmacht* e o Estado-Maior finlandês.

prontas no Verão de 1939, ainda antes da assinatura do Pacto de Não Agressão germano-soviético e antes da invasão da Polónia! Além disso operou-se uma reorganização do exército finlandês junto à fronteira soviética.

*«Junto à fronteira soviética estavam estacionadas cinco unidades de tropas operacionais finlandesas. No final de 1939 foram fundidas com o Grupo da Lapónia do general Wallenius (d direcção de Murmansk), o Grupo Norte do general Tuompo e a brigada de voluntários suecos do general Linder (d direcção de Kandalakcha), o 4.º Corpo do Exército do general Hägglund (d direcção do Mar Branco), o grupo do general Tavela (d direcção de Petrozavodsk), o 5.º Exército do general Oestermann e com o Grupo das Ilhas Alanda (d direcção de Leningrado).»<sup>10</sup>*

No final de Junho de 1939, Stáline convocou Meretskov, nesta altura comandante da circunscrição militar de Leningrado, para uma reunião em Moscovo. Meretskov relata que Stáline falou sobre o problema de Leningrado: *«A situação na fronteira finlandesa é alarmante. Leningrado está sob ameaça de fogo. As conversações sobre a assinatura de um acordo com a Grã-Bretanha e a França não têm tido por enquanto êxito. A Alemanha está pronta para se lançar sobre os seus vizinhos, de qualquer lado, incluindo a Polónia e a URSS. A Finlândia pode tornar-se facilmente uma praça de armas de acções anti-soviéticas para cada um dos dois principais grupos burgueses-imperialistas – o alemão e o britânico-franco-americano. Não está excluído que comecem de facto a entenderem-se sobre uma intervenção conjunta contra a URSS. E a Finlândia pode ser aqui uma moeda de troca num jogo alheio, transformando-se no iniciador açulado de uma grande guerra. (...)*

*Stáline sublinhou que ainda este Verão se pode esperar acções sérias por parte da Alemanha. E, quaisquer que sejam, irão inevitavelmente afectar-nos, directa ou indirectamente, a nós e à Finlândia. Por isso convinha apressarmo-nos.»<sup>11</sup>*

Esta conversa desenrolou-se quando decorriam as negociações soviético-franco-britânicas em Moscovo sobre uma aliança militar contra a agressão iminente da Alemanha fascista. Consta das actas que as negociações foram boicotadas pelo lado franco-britânico.

Como transmitiu o embaixador alemão em Londres, Dirksen, ao secretário de Estado alemão, Weizäcker, a tarefa da missão militar britânica nas negociações *«era mais avaliar a capacidade de combate do Exército Soviético do que concluir acordos operacionais.»<sup>12</sup>*

Isto levou ao Pacto de Não-Agressão germano-soviético.

Stáline incumbiu Meretskov de preparar em duas a três semanas o plano de defesa da fronteira e de contra-ataque, no caso de um ataque finlandês. O prazo era muito curto, mas o tempo urgia. Os relatórios sobre a linha Mannerheim eram pouco concretos. Alguns membros dos serviços secretos soviéticos pensavam até que a linha Mannerheim não passava de *«propaganda»*. Como se verificou, isto foi um *«erro grosseiro»*.<sup>13</sup>

---

<sup>10</sup> Merezkov, *op. cit.*, p. 158. [Ed. cit., p. 178. (N. Ed.)]

<sup>11</sup> Idem, *ibidem*, p. 158 e seg. [Idem, *ibidem*, p. 179. (N. Ed.)]

<sup>12</sup> Cf. *Documentos e materiais da pré-história da II Guerra Mundial*, Vol. II. O Arquivo Dirksen (1938-39), Ministério dos Negócios Estrangeiros da URSS, Moscovo, 1949, p. 105. [Cotejado com o original russo, *Документы и материалы кануна второй мировой войны. 1937-1939*. Politizdat, Moscovo, 1981., t. 2, p. 161. (N. Ed.)]

<sup>13</sup> Merezkov, *op. cit.*, p. 158. [Ed. cit., p. 178. (N. Ed.)]

Em caso de um ataque finlandês, o contra-ataque soviético devia realizar-se «*no mais curto prazo de tempo*». Meretskov alegou que algumas semanas não eram suficientes para uma tal operação, ao que Stáline e Vorochílov (Comissário do Povo da Defesa) responderam que devia levar em conta não só as possibilidades da circunscrição militar de Leningrado, mas as forças de toda a União Soviética. Terão Stáline e Vorochílov subestimado a linha Mannerheim devido a informações falsas e pouco rigorosas e sobrestimado as próprias forças?

Stáline terá ainda analisado outras variantes do plano de uma contra-ofensiva, fazendo-o separadamente com diferentes grupos de pessoas. Além de Meretskov, aparentemente só o marechal Chápochnikov (chefe do Estado-Maior General) partilhava a opinião de que «*uma contra-ofensiva na Finlândia estava longe de ser uma tarefa fácil.*» Tal ofensiva exigiria pelo menos «*vários meses de guerra esforçada e difícil, mesmo que as grandes potências imperialistas não se imiscuem directamente no conflito.*»<sup>14</sup>

O Governo soviético tinha proposto ao Governo finlandês um pacto de ajuda mútua. Os finlandeses recusaram. O Governo soviético propôs então uma troca de território. O Governo finlandês devia recuar a sua fronteira no istmo da Carélia, que se situava só a 32 quilómetros de Leningrado, e arrendar à União Soviética os portos de Petsamo, na região polar, e de Hanko, no Golfo da Finlândia. Em compensação pela cedência da faixa de território junto a Leningrado, a Finlândia receberia uma região bastante mais extensa a Norte do Lago Onega. Os finlandeses também recusaram esta proposta soviética.

O Governo finlandês respondeu com a mobilização das suas forças armadas e com provocações armadas contra as tropas fronteiriças soviéticas na região de Leningrado.

«*A 26 de Novembro recebi um despacho urgente, o qual informava que os finlandeses tinham aberto fogo de artilharia contra os guardas fronteiriços soviéticos junto à localidade de Mainila. Quatro pessoas foram mortas e nove ficaram feridas. Ordenei que colocassem sob controlo das forças da circunscrição militar toda a extensão da fronteira e reenviei de imediato o despacho para Moscovo. De lá chegou a instrução de nos prepararmos para um contra-ataque. Deram-nos uma semana para a preparação, mas na prática tivemos de reduzir o prazo para quatro dias, dado que destacamentos finlandeses começaram a passar a fronteira em vários pontos, penetrando no nosso território e enviando grupos diversionistas para a retaguarda soviética. Seguiu-se a declaração governamental da URSS e, a 30 de Novembro, pelas oito horas da manhã, tropas regulares do Exército Vermelho começaram a responder às acções anti-soviéticas. A guerra sovieto-finlandesa tornou-se um facto.*

*As tropas receberam a ordem de repelir o inimigo de Leningrado, garantir a segurança da fronteira na Carélia e na região de Murmansk e obrigar as marionetas das potências imperialistas a renunciar a novas provocações contra a URSS. Além disso, a tarefa principal consistiu na liquidação da praça de armas no istmo da Carélia.»*<sup>15</sup>

As medidas do Governo soviético eram de natureza defensiva. Sem a deslocação da fronteira junto a Leningrado, não teria sido possível defender a cidade do assalto da Alemanha a 22 de Junho de 1941.

Em obras de história militar de autores burgueses e não só existem algumas descrições insustentáveis sobre a ofensiva do Exército Vermelho, inicialmente fracassada e com

---

<sup>14</sup> Idem, ibidem, p. 159 e seg. [Idem, ibidem, p. 180. (N. Ed.)]

<sup>15</sup> Idem, ibidem, p. 162 e seg. [Idem, ibidem, p. 183. (N. Ed.)]



grandes baixas. Estas versões não levam em consideração o nível técnico-material do armamento e o nível de formação do Exército Vermelho. O serviço militar obrigatório só tinha sido introduzido na União Soviética em Setembro de 1939, ou seja, pouco antes da guerra do Inverno. A correlação de forças no início da guerra era mais ou menos equivalente.

Inicialmente, os *bunkers* da linha Mannerheim resistiram à artilharia soviética. Só depois da introdução de munições pesadas (calibre 203 e 208 mm) foi possível destruir *bunkers* directamente. Muitos deles estavam protegidos com várias camadas de chapas blindadas no lado da canhoneira, fortes paredes e tectos de ferro e betão com 1,5 a dois metros de espessura, cobertos por uma camada de dois a três metros de terra calcada.<sup>16</sup> A linha Mannerheim, que também foi comparada com a linha francesa Maginot, não era na verdade só propaganda. Mas a direcção soviética só soube isto depois.

Em Fevereiro de 1940 o Comando soviético conseguiu alcançar uma superioridade absoluta, sobretudo em artilharia e blindados, para romper a linha Mannerheim.

O Governo finlandês dispôs-se então a terminar a guerra. A 12 de Março de 1940 assinou-se o tratado de paz. O Governo soviético abdicou das reparações pelas baixas sofridas.

O Tratado de Paz determinava que «a União Soviética obtém o istmo da Carélia assim como a margem norte e oeste do Lago Ladoga, as cidades de Víborg, Kexholm e Sortavala. Na zona militar de Kandalakcha, a fronteira com a Finlândia junto à linha-férrea de Murmansk foi transferida um pouco para Ocidente. No Norte, pequenos territórios das penínsulas Sredni e Fischer passaram para a União Soviética. O mesmo com um grupo de ilhas no Golfo da Finlândia. O Tratado de Paz determinou ainda que a Finlândia arrendaria a península de Hanko com as respectivas ilhas à União Soviética, que aí estacionou uma base de apoio naval; a URSS declarou-se disposta a pagar anualmente cinco milhões de marcos finlandeses.

*O Tratado de Paz previa a não-agressão mútua e a não participação em coligações que se dirigissem contra um dos Estados.»<sup>17</sup>*

No seu apelo aos soldados na Frente Leste, de 22 de Junho de 1941, Hitler afirmou relativamente à Finlândia: «Os nossos camaradas encontram-se em aliança com as divisões finlandesas, com os vencedores de Narvik, no Oceano Ártico. Soldados alemães, sob o comando do conquistador da Noruega, assim como os heróis finlandeses da liberdade, sob comando do seu Marechal, protegem a Finlândia.»<sup>18</sup>

Como assinalou o general de Infantaria Waldemar Erfurth, estas afirmações de Hitler eram «especialmente indesejadas pela administração finlandesa», sobretudo «pelo QG finlandês. Criavam uma impressão incorrecta, como se entre os finlandeses e o Reich alemão existisse uma aliança militar e como se os finlandeses também tivessem entrado em guerra contra a União Soviética em 22 de Junho de 1941. Como o estado de guerra entre a Finlândia e a União Soviética só entrou em vigor, de acordo com o direito internacional, a 26 de Junho, as afirmações de Hitler antecipavam os acontecimentos e comprometiam a política finlandesa.»<sup>19</sup>

---

<sup>16</sup> Idem, ibidem, p. 161 e seg. e 166. [Idem, ibidem, p. 187. (N. Ed.)]

<sup>17</sup> I. B. Bershin, *Geschichte der UdSSR 1917-1970* (História da URSS 1917-1970), Moscovo 1966/Berlim 1971, p. 491.

<sup>18</sup> Citado de acordo com Erfurth, *Siehe Waldemar Erfurth: Der Finnische Krieg 1941-1944*. 2. überarbeitete Auflage 1977. Wiesbaden und München, 1950, p. 196.

<sup>19</sup> Idem, ibidem.

Erfurth encontrou assim uma declaração salomónica para a sensibilidade do Governo finlandês. Ele próprio expõe até ao absurdo, no 1.º capítulo do seu livro, esta tentativa de justificar a política agressiva do Governo finlandês. Mas, no 5.º capítulo, esquece-se do que escrevera antes a este propósito.

No 1.º capítulo, Erfurth escreve que, em Março de 1940, o Governo finlandês procurou «*uma aproximação à Alemanha*». <sup>20</sup> «*A 22 de Setembro de 1940 foi assinado um acordo germano-finlandês sobre a passagem de tropas alemãs pelo Norte da Finlândia, através do qual o abastecimento das tropas alemãs no Norte da Noruega ficou muito facilitado.*» <sup>21</sup> Erfurth assegura-nos que «*a desconfiança em relação à União Soviética (...) [obrigou] a uma aproximação à Alemanha*». <sup>22</sup> Porém os vários «*contactos*» entre as administrações finlandesas e alemãs, na primeira metade de 1941, foram feitos «*sem excepção por iniciativa alemã*». <sup>23</sup> Como assim? Então não foi o Governo finlandês quem procurou «*uma aproximação à Alemanha*» em 1940?

Entre o final de Janeiro e o início de Fevereiro de 1941, o general Heinrichs, chefe do Estado-Maior finlandês, visitou Berlim e Zossen. Seguiu-se em Fevereiro/Março de 1941 uma primeira visita à Finlândia do coronel alemão Buschenhagen, chefe do Comando Supremo do Exército da Noruega. De acordo com informações do coronel Buschenhagen, o objectivo da visita foi «*iniciar contactos com o Estado-Maior General finlandês para coordenar operações conjuntas no caso de uma guerra germano-soviética.*» Buschenhagen interessou-se «*especialmente*» pelas condições do terreno no Norte da Finlândia.

A 25 e 26 de Maio de 1941 – quatro semanas antes do assalto à União Soviética! – seguiram-se conversações entre oficiais alemães e finlandeses em Salzburgo e Berlim. Nas suas declarações em Salzburgo, o general Jodl explicou que, no caso de uma provável guerra germano-russa, os alemães avançariam através da região Norte da Finlândia na direcção da região de Murman-Bahn. Uma outra visita do coronel Buschenhagen a Helsínquia teve lugar no início de Junho. <sup>24</sup>

Segundo Erfurth, os finlandeses ter-se-iam comprometido nas conversações com os representantes do Estado-Maior alemão.

A 13 de Junho de 1941 – nove dias antes do assalto à União Soviética! – o general Erfurth, comandante do «Estado-Maior de ligação Norte», aterrou no aeroporto de Malmi, perto de Helsínquia, e assumiu as suas funções no QG finlandês. «*Através das (...) sugestões do Comando Supremo da Wehrmacht, transmitidas pelo general Erfurth, no que diz respeito à concentração do exército finlandês, o plano de operações finlandês foi influenciado de certo modo pelo lado alemão.*»

A 15 de Junho – sete dias antes do assalto à União Soviética! – o major-general von Falkenhorst e parte do Comando do Exército da Noruega reuniram-se em Rovaniemi, passando Falkenhorst a assumir o comando das tropas alemãs e finlandesas. <sup>25</sup>

A 17 de Junho – cinco dias antes do assalto à União Soviética! – vedetas rápidas e lança-minas, sob o comando do capitão Büllow, entraram nos portos finlandeses da costa

---

<sup>20</sup> Idem, ibidem, p. 21.

<sup>21</sup> Idem, ibidem, p. 21 e seg.

<sup>22</sup> Idem, ibidem, p. 26.

<sup>23</sup> Idem, ibidem.

<sup>24</sup> Idem, ibidem, p. 26 e 27 e 34.

<sup>25</sup> Idem, ibidem.

sul e «assumiram a defesa no Golfo da Finlândia contra a frota russa do Mar Báltico estacionada em Kronstadt.»<sup>26</sup>

No mesmo dia, o presidente finlandês deu instruções para notificar os reservistas do alistamento, sem no entanto declarar publicamente a mobilização geral.<sup>27</sup>

Mais ou menos à mesma hora em que Hitler fazia o apelo atrás referido, tropas do Comando Supremo do Exército da Noruega marchavam de Kirkenes para a região de Petsamo. Sem conhecimento e acordo do Governo finlandês?...

Navios de guerra finlandeses e alemães começaram a bloquear o Golfo da Finlândia no lado oriental. Sem conhecimento e acordo do Governo finlandês?...

Aviões alemães bombardearam a base naval soviética Hanko.

Tudo isto sem conhecimento do Comando Supremo finlandês?...

Como relatou o almirante N.G. Kuznetsov, Comissário do Povo e Comandante Supremo da Marinha de Guerra, em 19 de Junho, a Frota do Báltico passou ao nível 2 de prontidão operacional, prevenindo eventuais surpresas.<sup>28</sup> Antes de 22 de Junho, aviões de guerra alemães sobrevoaram a região polar e o Golfo da Finlândia. Kuznetsov deu ordens para disparar sobre os aviões que violassem o espaço aéreo soviético, e isso valeu-lhe uma repreensão de Stáline.<sup>29</sup>

A embaixada alemã tinha-se queixado de que aviões pacíficos, que faziam «observações meteorológicas», tinham sido atacados.<sup>30</sup> Stáline queria evitar tudo o que pudesse servir de pretexto aos fascistas alemães para uma guerra contra a URSS.

Poucas horas antes do assalto, o comandante da Frota do Norte, general Golovko, informou telefonicamente Kuznetsov que do território finlandês partiam aviões alemães na direcção do Pólo Norte. Kuznetsov ordenou: «Abra fogo sobre os aviões que violem o nosso espaço aéreo.»<sup>31</sup>

A 22 de Junho as forças armadas soviéticas ripostaram. Aviões soviéticos atacaram couraçados finlandeses e algumas fortificações nos recifes de Turku, assim como barcos costeiros a Sudoeste de Porvo. Na manhã de 22 de Junho, a artilharia soviética disparou sobre território finlandês e à noite a infantaria abriu fogo, o que é descrito por Erfurth como «violações de fronteira», que também se repetiram nos dias seguintes. E só então, a 26 de Junho, o Governo finlandês, alegadamente provocado pelos russos, declarou guerra à União Soviética.<sup>32</sup>

Seguindo a «argumentação» de Erfurth, as tropas soviéticas só poderiam ter ripostado depois de 26 de Junho – na melhor das hipóteses! – já que só a partir deste momento a Finlândia entrou em guerra com a URSS de acordo com «o direito internacional». Este género de «história objectiva» liquida-se a si próprio.

O Governo branco reaccionário finlandês era desde o início aliado de Hitler. E comprometeu-se de mote próprio.

As tropas do Comando Supremo do Exército Norueguês, juntamente com as tropas finlandesas, sob a direcção do general von Falkenhorst, iniciaram a ofensiva a partir da

---

<sup>26</sup> Idem, *ibidem*, p. 35.

<sup>27</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>28</sup> Ver N. G. Kusnezov, *Am Vorabend* (Na Véspera), Moscovo 1969, Berlim 1984, 3<sup>a</sup> ed., p. 338.

<sup>29</sup> Idem, *ibidem*, p. 229.

<sup>30</sup> Idem, *ibidem*, p. 230.

<sup>31</sup> Idem, *ibidem*, p. 344.

<sup>32</sup> Erfurth, *op. cit.*, p. 38.

região Petsamo (actual Petchenskaia oblast) na direcção de Murmansk e Murman-Bahn, a 29 de Junho.<sup>33</sup> Pergunta-se: sem preparação e planeamento conjunto com o Comando Supremo finlandês?

Para documentar com toda a clareza as estreitas relações entre os finlandeses brancos e os fascistas alemães recordamos aqui, com algum pormenor, um acontecimento em si insignificante.

Mannerheim comemorou o seu 75.º aniversário a 4 de Junho de 1942, o que deve ter sido um «grande acontecimento» para o povo finlandês. A festa foi organizada pelo presidente Ryti na margem sul do lago Saimaa. Os generais Dietl e Stumpff estavam entre os convidados vindos «de longe». Finalmente aterraram «dois aviões Dornier vindos da Alemanha»; «traziam Adolf Hitler». «Hitler, que tinha grande interesse pessoal em Mannerheim e admirava o heróico povo finlandês, tinha decidido manifestar pessoalmente ao herói finlandês os seus parabéns e os do povo alemão.» Foi «um acontecimento brilhante e satisfatório para todos os participantes.» Hitler, que não tinha pensado em fazer um discurso à mesa, «acabou por se levantar e fez um discurso bem aceite por todos os ouvintes, com admirável capacidade de compreensão daquele para ele desconhecido círculo, no qual elogiou a participação finlandesa na guerra do Inverno e na presente guerra, e lamentou que a Alemanha não tenha podido ajudar logo o povo finlandês na guerra do Inverno.»

Entre os participantes da festa «dominava a satisfação geral (...) sobre o bom decorrer do dia.»

Enquanto a imprensa finlandesa comentou «positivamente» a visita de Hitler, na América esta visita foi «muito pouco apreciada». «O embaixador Procope relatou que o Departamento de Estado lhe tinha dado a entender que a Finlândia não podia voltar a permitir-se uma festa destas.»

A 27 de Junho, Mannerheim retribuiu a visita de Hitler. Hitler enviou-lhe o seu avião privado com o seu chefe ajudante da *Wehrmacht*, general Schmundt, para o ir buscar a Helsínquia. Foi recebido na *Wolfsschanze*.<sup>34</sup> Mannerheim participou na reunião diária «sobre a situação geral, com o Führer». À tarde, o major-general Halder, chefe do Alto Comando do Exército recebeu Mannerheim. A noite passou-a como «convidado do Marechal do Reich na casa de caça do Reich no coração da charneca de Rominter.» Regressou a 28 de Junho, de novo no avião de Hitler.<sup>35</sup>

Este relatório, na «linguagem do III Reich», não necessita de mais comentários. É suficientemente explícito para provar as relações pessoais da reacção branca finlandesa com a clique dirigente fascista.

Naturalmente que Hitler também tinha objectivos políticos ao visitar a Mannerheim. Os serviços secretos alemães não desconheciam que a guerra era impopular no seio do

---

<sup>33</sup> Idem, ibidem, p. 47.

<sup>34</sup> [*Wolfsschanze*, Toca do Lobo, era o nome de código de um dos maiores QG de Hitler, durante a II Guerra Mundial. Encontrava-se perto de Rastenburg, Prússia Oriental, hoje Polónia. Foi construído em 1941 para a ofensiva alemã contra a URSS (operação *Barbarossa*). Possuía cerca de 80 edifícios camuflados, dos quais 50 eram *bunkers*, estava rodeado de campos minados e arame farpado e escondido dentro de um bosque fechado. Tinha sua própria central eléctrica e recebia mantimentos de uma base aérea próxima. Foi abandonado pelos nazis em Novembro de 1944, quando o Exército Vermelho alcançou a fronteira da Prússia. (NT)]

<sup>35</sup> Idem, ibidem, pp. 202-205.

povo finlandês. Espalhava-se a convicção no povo de que era tempo de encontrar uma saída para a guerra.

E é tudo sobre a pré-história dos combates na Frente da Carélia em 1944.

\*\*\*

Havia já cerca de três anos que as tropas finlandesas e alemãs se encontravam num género de guerra de trincheiras frente às forças armadas soviéticas na região de Leningrado e na Carélia.

As tropas finlandesas e alemãs conseguiram êxitos iniciais e ocuparam Alakurtii, Kestenga e Petrozavodsk. Aproximaram-se de Murmansk, mas não conseguiram ocupar a cidade. Em algumas secções conseguiram atingir Murman-Bahn, que liga Leningrado a Murmansk. No Sul chegaram a Svir, mas não conseguiram atravessá-lo. A frente, desde o Golfo da Finlândia até ao Mar de Barents tinha quase 1600 km. Não havia outra frente tão extensa.<sup>36</sup>

O plano inicial preparado por Meretskov, em Fevereiro de 1944, previa uma ofensiva contra o 20.º Exército de Montanha alemão, o «Exército da Lapónia» no Extremo Norte. O ataque principal devia desenrolar-se na direcção de Kandalakcha, e previa-se um ataque secundário na região de Murmansk. O QG aprovou o plano a 28 de Fevereiro e também autorizou a requisição de meios de reforço suplementares das reservas do QG.

Este plano tinha por trás razões políticas. Já no Outono de 1942, ainda **antes** da batalha de Stalingrado, o sentimento antiguerra alastrava no povo. A guerra dos finlandeses brancos não era popular, mesmo em camadas da burguesia. No seio da classe dominante aumentavam as dúvidas sobre uma vitória da Alemanha fascista, caso a coligação anti-hitleriana se mantivesse estável. Mesmo a imprensa censurada questionava-se se não seria tempo para procurar uma saída para a guerra.

Em 1944, o Governo finlandês estava cada vez mais sob pressão do sentimento antiguerra. Em três anos de guerra tinha havido mais de 37 mil mortos. Uma perda amarga para um povo de três milhões! Cada mês de guerra custava à Finlândia dois mil milhões de coroas finlandesas. As deserções aumentavam nas forças armadas.

Os êxitos do Exército Vermelho perto de Leningrado e Novgorod, no Inverno de 1944, desencadearam também um processo de reflexão entre os políticos finlandeses. Como poderiam sair desta guerra? No Parlamento finlandês formara-se uma poderosa oposição antiguerra contra o Governo reaccionário, que já não se podia ignorar ou reprimir.<sup>37</sup> O ministro dos Negócios Estrangeiros afirmou a 1 de Fevereiro: «*Caso não se consiga manter Narva, há uma nova situação para a Finlândia.*»<sup>38</sup> Oficiais finlandeses falavam abertamente entre eles sobre uma «paz separada» com a URSS. Inicialmente, os círculos dominantes haviam procurado uma saída para a guerra através de contactos com os EUA e a Grã-Bretanha. Os EUA não estavam em guerra com a Finlândia, ao contrário da Grã-Bretanha.

Só a 16 de Fevereiro, depois dos referidos êxitos do Exército Vermelho perto de Leningrado e Novgorod, o Governo finlandês encarregou o conhecido político

---

<sup>36</sup> *Ge. II. Weltkrieg* (História da II Guerra Mundial), Vol. 8, *op. cit.*, p. 58; Meretskov, *op. cit.*, p. 320.

<sup>37</sup> Noskov, *op. cit.*, p. 262 e seg.

<sup>38</sup> Erfurth, *op. cit.*, p. 164.

democrático-burguês, Juho Kusti Paasikivi, que não estava comprometido com a política de guerra antipopular do Governo finlandês branco, de se informar junto da embaixadora soviética na Suécia, a Sra. A. M. Kollontai, sobre as condições soviéticas para o cessar dos combates e a saída da Finlândia da guerra. Aqui podemos concordar com o que Erfurth escreveu: «*O nome Paasikivi significava, claramente, para todos os finlandeses um programa; nomeadamente a unificação da Finlândia com a União Soviética. Apesar de ser um conservador (Partido Nacional Conservador), Paasikivi defendeu sempre a cooperação da Finlândia com a União Soviética. Ele era a personalidade reconhecida para reatar as relações entre a Finlândia e a União Soviética.*»<sup>39</sup>

A 19 de Fevereiro, o Governo soviético comunicou as condições: «*Corte de relações com a Alemanha; internamento das tropas e navios alemães estacionados na Finlândia; restabelecimento do Acordo soviético-finlandês de 1940; retirada das tropas finlandesas para as fronteiras aí definidas; libertação dos prisioneiros de guerra soviéticos e aliados e civis.*»<sup>40</sup> Outras questões como a desmobilização das forças armadas finlandesas, reparações à União Soviética dos prejuízos da guerra ou a região de Petsamo, deviam ser adiadas para posteriores negociações em Moscovo.<sup>41</sup>

Churchill, que de acordo com a sua condição de aliado tinha sido informado pelo Governo soviético sobre este assunto, felicitou Stáline, na sua mensagem de 21 Março, pela «*forma excepcionalmente equilibrada como tratou com os finlandeses.*»<sup>42</sup> Em 1940, a conversa tinha sido outra!

Estas foram as razões políticas da decisão do QG de dirigir o ataque principal contra os alemães do exército da Lapónia, e de não atacar as tropas finlandesas em Svir e na retaguarda entre os Lagos Ladoga e Onega, facilitando assim a saída dos finlandeses da guerra. Isto poupava baixas soviéticas e permitia dirigir forças para outras frentes e encurtar a duração da guerra. As operações militares, portanto, também foram aqui subordinadas às exigências políticas.

A 27 e 29 de Março realizaram-se conversações soviético-finlandesas em Moscovo. Sob forte pressão alemã, nomeadamente de Hitler e Ribbentrop, o Parlamento finlandês recusou, a 12 de Abril, por «*razões técnicas*», as condições de armistício do Governo soviético.

Em consequência, o QG alterou o objectivo estratégico na Frente da Carélia. O ataque principal não era agora no Norte contra os alemães do Exército da Lapónia, mas sim no Sul, em Svir e no Lago Ladoga, contra as forças armadas finlandesas para obrigar o Governo finlandês a sair da guerra. Assim, a 30 de Maio, Meretskov foi chamado a Moscovo ao QG.

Num curto espaço de tempo tinha de ser elaborado um novo plano para derrotar as tropas finlandesas no Sul. Mas não podiam ser retiradas forças da zona Norte. Chtemenko relata uma conversa que teve com Stáline em que este sublinha «*que em caso algum se pode enfraquecer a zona Norte da Frente da Carélia contra o 20.º exército alemão da Lapónia. É necessário manter aí nossas tropas em total prontidão para um ataque imediato, sem dar ao inimigo a possibilidade de manobrar parte das forças para Sul. Agora, na actual fase da guerra, o Comando Supremo soviético pode*

---

<sup>39</sup> Idem, ibidem, p. 168 e seg.

<sup>40</sup> *Ge. II. W'krieg* (História da II Guerra Mundial), Vol. 8, p. 539.

<sup>41</sup> Idem, ibidem. Ver também Noskov, *op. cit.*, p. 263.

<sup>42</sup> *Briefwechsel* (Correspondência), *op. cit.*, p. 263.

*permitir-se uma tal reserva de forças. Estamos em condições de acumular por outras vias tropas e os meios materiais necessários para o êxito da operação planeada contra os finlandeses, tanto mais que a ausência de estradas nas regiões do Norte torna qualquer manobra uma operação difícil. Para além disso, o terreno intransitável nas latitudes Norte dificulta qualquer manobra. Acresce que os finlandeses já não são o que eram antes: estão quebrados em todos os sentidos e querem a paz.»<sup>43</sup>*

Stáline repetiu estas instruções a Meretskov, ordenando-lhe que em «*caso algum*» deveria «*enfraquecer as forças posicionadas contra as tropas alemãs, lembrando que podem ser necessárias em qualquer momento para destruir o inimigo.*»<sup>44</sup>

Meretskov «*não ficou completamente satisfeito*» com a conversa com Stáline. Baseando-se nos dados dos serviços de informação sobre as forças inimigas, mostrou as dificuldades que as suas tropas tinham de ultrapassar, usando um mapa de relevo do istmo entre o lago Ladoga e o lago Onega. Stáline, assim pensava Meretskov, não gostava que lhe dissessem como o inimigo iria agir. Quem o poderia prever com exactidão? E, vendo nas palavras de Meretskov «*uma tentativa de obter reservas adicionais*», recusou-as. Depois, em face de um segundo relatório dos colaboradores do QG, Stáline reconsiderou a sua decisão e autorizou o envio das reservas requeridas.<sup>45</sup>

Estas divergências não eram raras no QG. Cada comandante da frente procurava obter reservas suplementares do QG. Mas Stáline tinha de ter sob controlo todas as frentes, dos Balcãs até à região polar, principalmente na direcção do ataque principal. Um comandante da frente da Carélia não podia saber o que o comandante na Roménia ou nos Cárpatos precisava.

A Frente da Carélia sempre teve poucas forças e meios. Por isso era obrigada a arranjar-se com o que tinha, pedindo com frequência ajuda ao QG. «*O Comandante Supremo chamava a esta frente “o eterno pedinte”. Compreendia as suas condições de combate, compadecia-se, mas não cedia mais tropas, pensando permanentemente nas direcções principais da guerra.*»<sup>46</sup>

A 9 de Junho, Stáline comunicou a Meretskov que a Frente de Leningrado devia romper a linha de defesa finlandesa no istmo da Carélia, e necessitava do seu apoio. A Frente da Carélia tinha de derrotar rapidamente o adversário em Svir-Sortavala. A operação devia estar pronta em dez dias e a sua preparação decorria no QG com a participação de A. M. Vassiliévski, G.K. Júkov e A. I. Antónov. Houve de novo discussões sobre os reforços.<sup>47</sup>

As novas exigências de Meretskov não eram infundadas. Os finlandeses possuíam poderosas forças nas faixas de ataque, quer na Frente de Leningrado e no istmo da Carélia, quer também na Frente da Carélia, em Svir, entre o lago Ladoga e o lago Onega: 15 divisões e seis brigadas, cerca de 268 mil homens, 1930 canhões e lança-granadas, 110 tanques e cerca de 250 aviões. Além disso, os finlandeses tinham construído fortificações neste território de difícil acesso.

O QG, levando em linha de conta estas dificuldades, concentrou importantes forças no istmo da Carélia e no Svir, região dos lagos Ladoga e Onega, que eram superiores às dos

---

<sup>43</sup> Schtemenko, *op. cit.*, p. 339. [Ed. cit., p. 493. (N. Ed.)]

<sup>44</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>45</sup> Merezkov, *op. cit.*, p. 327. [Ed. cit., p. 378. (N. Ed.)]

<sup>46</sup> Schtemenko, *op. cit.* p. 328. [Ed. cit., p. 486. (N. Ed.)]

<sup>47</sup> Meretskov, *ed. cit.*, p. 379. (N. Ed.)]

finlandeses em 160 por cento nos efectivos, 330 por cento em canhões e lança-granadas, 320 por cento em tanques e artilharia móvel e 600 por cento em aviões.<sup>48</sup>

Stáline cedeu a Meretskov dois corpos suplementares de infantaria e uma divisão de artilharia. No que respeita ao apoio aéreo, o marechal da Força Aérea Nóvikov foi incumbido de fazer um ou dois bombardeamentos sobre as posições finlandesas. Meretskov insistiu na necessidade de mais um corpo de infantaria, mas Vassiliévski e Júkov recusaram.

Depois da saída destes últimos, Stáline convidou Meretskov para assistir à salva de canhões em honra da Frente de Leningrado. Na despedida sussurrou-lhe: *«Vou conceder-lhe adicionalmente o corpo de infantaria que pediu.»*<sup>49</sup>

A secção mais difícil da Frente da Carélia era o rio Svir com 350 metros de largura e 8 a 11 metros de profundidade, onde estava instalado o complexo hidroeléctrico Svir-3, com um paredão de 18 metros de espessura e um reservatório de água com 125 milhões de metros cúbicos. Se os finlandeses abrissem as comportas, impediriam a travessia do Svir. Para prevenir tal eventualidade, Meretskov mandou destruir a barragem, pelo que teve de dar explicações em Moscovo.

Segundo Meretskov, que explicou a sua decisão pessoalmente a Stáline, o Comandante Supremo *«não se interessava apenas pela essência das questões, mas também entrava em pormenores, os quais talvez pudesse evitar.»*<sup>50</sup>

Na guerra *«não é possível planear todo o curso dos acontecimentos até ao fim (...) O importante é traçar o rumo geral das operações, mas os pormenores concretos devem ser deixados aos comandantes subordinados, sem lhes coarctar antecipadamente a iniciativa. Na maioria dos casos, I.V. Stáline procedia deste modo, só se desviando deste costume quando estava em causa consequências políticas ou por considerações económicas, ou ainda quando a sua memória lhe dizia que já no passado se tinha confrontado com situações semelhantes. Com isto não quero dizer que concordei sempre com a forma como I.V. Stáline resolvia os assuntos, tanto mais que tive discussões, na medida em que tal me era possível, dentro dos limites da subordinação, quer sobre pequenos quer sobre grandes problemas (...)».*

*«Era próprio de Stáline voltar a chamar os comandantes-em-chefe das frentes a Moscovo, ao tomar conhecimento de alterações parciais na operação planeada. Tais chamadas aconteciam com frequência. Sempre que era possível, Stáline preferia falar pessoalmente com as pessoas. Afigura-se-me que ele fazia isto por três razões. Em primeiro lugar porque no decurso de uma conversa pessoal era possível inteirar-se melhor do assunto. Depois porque Stáline gostava de testar as pessoas e formava opinião sobre elas em tais encontros. Por último, Stáline, quando queria, sabia aprender com os outros. Nos anos da guerra esta qualidade revelou-se com muita frequência. Penso que os comandantes-em-chefe das frentes, os colaboradores do QG, do Estado-Maior General e outros militares ensinaram muito ao Comandante Supremo, no que toca aos problemas da guerra moderna. Correspondentemente, também eles aprenderam muito com ele, sobretudo em questões gerais de Estado, económicas e políticas. Isto também me diz respeito. Considero que cada deslocação ao*

---

<sup>48</sup> Noskov, *op. cit.*, p. 265. Ver também Schtemenko, *op. cit.*, p. 342.

<sup>49</sup> Merezkov, *op. cit.*, p. 329. [Ed. cit., p. 380. (N. Ed.)]

<sup>50</sup> Idem, *ibidem*, p. 330. [Idem, *ibidem*, p. 381. (N. Ed.)]



*QG me enriqueceu com algo e que cada encontro com dirigentes do partido e do Estado alargou o meu horizonte e foi para mim extremamente instrutivo e útil.»<sup>51</sup>*

Em 10 de Junho, as forças da Frente de Leningrado iniciaram a sua ofensiva. Tinham uma superioridade decisiva perante os finlandeses. *«A correlação geral de forças a nosso favor na infantaria era de duas vezes, na artilharia e blindados quase de seis vezes e na aviação de três vezes. Na faixa do 21.º Exército, que infligiria o ataque principal, foi concentrada a maior parte das tropas e meios técnicos de combate existentes no istmo da Carélia. Para além disso, nesta zona, participava ainda na ofensiva o 23.º Exército. Nesta zona da ruptura, com uma largura de 12,5 quilómetros, a correlação de forças era ainda mais impressionante, em particular, no que respeita à artilharia.»<sup>52</sup>*

A ofensiva teve resultados significativos. Pelas 19 horas de 20 de Junho, Viborg foi libertada.

A 18 de Junho, quando a ofensiva no istmo da Carélia decorria positivamente, Stáline notou que se aproximava o momento da ofensiva das tropas de Meretskov. E encarregou Antónov de recordar uma vez mais ao Conselho Militar da Frente da Carélia a necessidade de conservar intactas as forças e meios contra o exército alemão da Lapónia. Antónov enviou o seguinte telegrama para a Frente da Carélia: *«O Comandante Supremo ordenou que vos recordasse a sua exigência de não enfraquecer a ala direita e o centro da Frente e não retirar daí sem autorização do QG quaisquer forças e meios adicionais, salvo as deslocações anteriormente autorizadas pelo QG.»<sup>53</sup>*

Stáline seguia mentalmente todo o conjunto das operações: *«O deslocamento das forças inimigas para o istmo da Carélia, e o conseqüente enfraquecimento das tropas finlandesas na Frente da Carélia, o avanço desta última para os flancos do grupo principal dos finlandeses, e as operações daqui resultantes para a derrota final do exército finlandês e, de seguida, das tropas fascistas alemãs, que ficariam numa situação de quase isolamento.»<sup>54</sup>*

Seria incompleto não referir o papel da marinha soviética nas operações no istmo da Carélia e o interesse de Stáline pelas questões marítimas.

Durante o planeamento das operações nas frentes de Leningrado e da Carélia, Stáline informou-se minuciosamente sobre as possibilidades da esquadra do Báltico e das esquadilhas do Ladoga e do Onega participarem nos combates. Com este objectivo, em Março de 1944, chamou o almirante Tríbuts, comandante da esquadra do Báltico, ao QG em Moscovo.

Stáline ouviu atentamente, como era seu hábito, as explicações do almirante Tríbuts. A sua questão: que apoio podia dar a esquadra do Báltico às operações no istmo da Carélia?

A esquadilha vermelha do Báltico tinha estado três anos cercada em Kronstadt. Só pôde participar na defesa de Leningrado utilizando a sua artilharia e colocando uma divisão de marinheiros como infantaria da Marinha na frente em terra. Por vezes, um submarino conseguia romper a barragem de minas na saída ocidental do Golfo da Finlândia.

---

<sup>51</sup> Idem, ibidem, p. 330 e seg. [Idem, ibidem, p. 382. (N. Ed.)]

<sup>52</sup> Schtemenko, *op. cit.*, p. 341. [Ed. cit., p. 494. (N. Ed.)]

<sup>53</sup> Idem, ibidem, p. 341 e seg. [Idem, ibidem, p. 495. (N. Ed.)]

<sup>54</sup> Idem, ibidem, p. 342. [Idem, ibidem, p. 495. (N. Ed.)]

«Agora os marinheiros têm a possibilidade de mostrar o que valem», dizia Stáline referindo-se à esquadra do Báltico. Terminara o tempo em que estavam cercados no Golfo da Finlândia. Na mesma altura começaram os preparativos para as ofensivas em Novgorod e Narva, para a libertação das repúblicas soviéticas bálticas. Estas operações deviam ser apoiadas pela esquadilha do Báltico.

Mas para já tratava-se da operação de Viborg. Stáline interessou-se principalmente pela artilharia naval, o seu alcance e calibre, assim como pelas possibilidades de transporte de tropas e desembarque nas costas. Avisou para se «*não colocar desnecessariamente navios em perigo.*»<sup>55</sup> Deviam ser utilizados principalmente hidroaviões. À artilharia naval era atribuído um importante papel no rompimento da linha de defesa finlandesa extremamente fortificada. O termo «artilharia naval» é aqui usado em sentido amplo. Isto porque durante o cerco de Leningrado foi desmontada a artilharia pesada dos navios e utilizada como «artilharia terrestre», em parte para a defesa dos caminhos-de-ferro. De acordo com o comandante da esquadra do Báltico, a «artilharia naval» foi dividida em quatro grupos: 1) artilharia dos caminhos-de-ferro, 2) artilharia dos fortes e navios fundeados em Kronstadt, 3) artilharia do polígono militar da marinha, 4) artilharia dos navios da esquadra.<sup>56</sup>

Havia artilharia pesada com munições de 120 a 406 milímetros de calibre. Dos 240 canhões utilizados em Viborg, metade pertencia à «artilharia da marinha», que disparou um total de 17 mil projecteis de grande calibre sobre as posições finlandesas.<sup>57</sup>

A esquadra do Báltico desempenhou ainda um papel importante na preparação da operação de Viborg, transportando as tropas do 21.º exército da reserva do QG, de Oranienbaum para Lissi Noss, para integrarem a Frente de Leningrado.<sup>58</sup>

Na baía de Viborg, uma vedeta soviética afundou um submarino alemão em águas pouco profundas, que pôde depois ser içado. A bordo deste submarino encontravam-se os novos torpedos «Zaunkönig»,<sup>59</sup> autodirigidos através de dispositivos acústicos, que haviam sido introduzidos em 1944.

Churchill pediu a Stáline autorização para que especialistas britânicos visitassem o submarino alemão. Stáline autorizou a visita depois de consultar o almirante Kuznetsov, Comissário do Povo e comandante supremo da Marinha de Guerra, que não lhe disse não ver «*nenhuma razão*» para recusar o pedido. Os britânicos agradeceram calorosamente a visita «*em particular pelas informações preciosas sobre os torpedos acústicos alemães.*» Isto alarmou Stáline: «*Não teremos cedido um segredo demasiado valioso? (...) Stáline recordou que os aliados não demonstravam nenhuma vontade de partilhar os seus segredos militares conosco. (...) Tributs e eu ficámos preocupados.*»<sup>60</sup>

---

<sup>55</sup> N. G. Kusnezov, *Auf Siegeskurs* (A Caminho da Vitória), Moscovo 1975, Berlim, 1979, p. 128. [Cotejado com o original russo, Кузнецов, Николай Герасимович, *Курсом к победе*. Голос, Moscovo, 2000., p. 400. (N. Ed.)]

<sup>56</sup> Idem, ibidem, p. 132. [Idem, ibidem, p. 404. (N. Ed.)]

<sup>57</sup> Idem, ibidem, pp.132 e 133. [Idem, ibidem, 404 e 405. (N. Ed.)]

<sup>58</sup> Idem, ibidem. [Idem, ibidem, p. 404. (N. Ed.)]

<sup>59</sup> [Zaunkönig era o nome de código dos torpedos da marinha alemã dirigidos acusticamente, também conhecidos por G7es. O nome de código dos aliados para este torpedo era GNAT (German Navy Acoustic Torpedo). (NT)]

<sup>60</sup> Idem, ibidem, p. 136. [Idem, ibidem, p. 408. (N. Ed.)]

Esta dúvida parece legítima: será que os almirantes soviéticos não examinaram antes este torpedo especial?

A 21 de Junho, pelas 11.45 horas, a Frente da Carélia iniciou a sua ofensiva com forte fogo de artilharia e ataques aéreos às fortificações finlandesas. Pelo início da tarde iniciou-se a conquista do Svir. A 24 de Junho, as tropas soviéticas tinham forçado o Svir em todo o seu comprimento. A esquadilha de Ladoga desempenhou um papel importante na operação no istmo entre os lagos Ladoga e Onega. «*Os russos bateram-se no lago de Ladoga (...) táctica e estrategicamente muito bem*», escreveu o historiador suíço Jürg Meister. «*Em 1944, o desembarque russo em Tuulos foi feito com meios superiores.*»<sup>61</sup>

A 28 de Junho, o exército de Meretskov libertou Petrozavodsk. No final de Junho, Murman-Bahn estava completamente limpo de inimigos, o canal Mar Branco-Mar Báltico era de novo completamente navegável.<sup>62</sup>

As tropas da Frente de Leningrado ameaçavam a região de Viborg, as da Frente da Carélia, com a passagem do meridiano 34º, aproximavam-se da fronteira sovieta-finlandesa. A 21 de Julho, o 32.º exército da Frente da Carélia alcançou a fronteira.

Nos três anos de guerra, os finlandeses tinham sofrido baixas irreparáveis. Os diferentes dados existentes coincidem no essencial. Segundo Meretskov, os finlandeses perderam 50 mil soldados e oficiais só durante mês e meio de combates no istmo Onega-Ladoga.<sup>63</sup> Em geral não se diferencia o número de mortos e feridos. No istmo da Carélia (Frente de Leningrado), segundo Noskov, houve 44 mil mortos e feridos. De acordo com Noskov, o total de baixas finlandesas na II Guerra Mundial foi de cerca de 90 mil homens.<sup>64</sup> Erfurth diz que as baixas finlandesas no istmo da Carélia, desde o início da ofensiva soviética a 9 de Junho, foram de 18 mil homens, num total de 32 mil, somando as baixas no istmo Ladoga-Onega. Até 18 de Julho, as baixas totais finlandesas em ambas as frentes atingiam 44 mil homens, dos quais 6500 mortos.<sup>65</sup>

A 25 de Agosto, o Governo finlandês solicitou um armistício. A 4 de Setembro, os finlandeses cessaram o fogo, o que foi seguido pelas tropas soviéticas no dia 5. A 19 de Setembro seguiu-se a assinatura do armistício. A Finlândia tinha saído da guerra.

Depois dos combates, Meretskov teve a possibilidade de investigar as fortificações de defesa finlandesas na região de Olonez. A linha de defesa, com uma extensão de 30 quilómetros, dispunha aqui em cada quilómetro de 30 metralhadoras e lança-granadas, 70 alvéolos para atiradores, dez *bunkers* e sete campânulas blindadas antitanque. Para além disso havia trincheiras para a infantaria com refúgios esféricos em betão armado e até dez construções de combate em betão armado nas direcções principais. «*Para construir e manter uma tal defesa (...) o país tinha de dispor de um importante potencial económico-militar. Mas a Finlândia não o tinha. (...) A construção realizou-se com ajuda estrangeira (essencialmente alemã, é claro). (...) Esforcei-me por compreender em que se baseavam as expectativas dos finlandeses. As suas tropas eram insuficientes. Não dispunham de quantidade suficiente de aviões, tanques, artilharia.*

---

<sup>61</sup> Jürg Meister, *Der Seekrieg in den osteuropäischen Gewässern 1941-1945* (A Guerra Naval nas Águas do Leste Europeu 1941-1945), Munique, 1958, p. 201.

<sup>62</sup> Sobre o desenrolar dos combates, ver Merezkov, *op. cit.*, pp. 331-334.

<sup>63</sup> Idem, *ibidem*, p. 336. [Idem, *ibidem*, pp. 389-390. (N. Ed.)]

<sup>64</sup> Noskov, *op. cit.*, p. 269.

<sup>65</sup> Erfurth, *op. cit.*, pp. 247, 251 e 252.

*«Não terá este pequeno país colocado sobre os seus ombros um fardo demasiado pesado, mesmo do ponto de vista puramente militar?»<sup>66</sup>*

O Governo branco colocara o povo finlandês à disposição do imperialismo fascista alemão para a realização de uma tarefa histórica impossível, na vaga esperança de construir a «Grande Finlândia», com a anexação da península de Kola, rica em matérias-primas. Seria também o povo também a pagar a factura da camada superior mais reaccionária da classe dominante finlandesa.

A guerra contra a Finlândia tinha terminado, mas não a guerra contra o exército alemão da Lapónia na região polar, que, de acordo com o armistício, devia deixar a Finlândia até 15 de Junho. Não o fez. Os combates continuaram com impiedosa dureza do lado soviético com o objectivo de impedir a retirada do Exército da Lapónia, com o seu material de guerra, para a Noruega, de onde podia continuar a guerra contra a URSS. Na sua retirada, o Exército da Lapónia organizou evacuações coercivas de cidadãos finlandeses, fez reféns, destruiu cidades e aldeias. Como se verá, também foram destruídas pelos fascistas Petsamo e a cidade norueguesa de Kirkenes. O próprio Erfurth não podia negar estas acções vis, mesmo que tenha procurado, da forma conhecida, legitimar os generais fascistas, considerando estes actos como «exigências militares».

### **A operação de Petsamo-Kirkenes**

No diário do almirante Golovko, comandante da esquadra do Mar do Norte, na entrada de 15 de Setembro de 1944, lê-se que havia sido interceptado uma ordem *«na qual o comandante da 2.<sup>a</sup> Divisão de Infantaria de Montanha sublinha a necessidade de manter a actual a linha e "o interesse vital da Alemanha no minério de níquel da região de Petsamo". Além disso cita uma ordem de Hitler para manter as posições no Norte da Finlândia, custe o que custar, em particular na região de exploração de níquel (Kolosioki).»<sup>67</sup>*

Segundo o general Meretskov, não se conheciam as intenções do comando alemão depois do fim dos combates no Sul da Finlândia. Mas supunha-se que mais cedo ou mais tarde seria forçado a retirar as suas tropas do Norte do país. A simples retirada permitiria a sua participação noutras frentes, o que tinha de ser evitado.

As suposições soviéticas confirmaram-se quando o comando alemão iniciou, em 7 de Setembro, a retirada do 36.<sup>o</sup> Corpo do Exército. A Frente da Carélia reagiu de imediato e as suas tropas conseguiram, através de refinadas manobras colocar o inimigo sob ameaça de cerco e de destruição. Contudo, inesperadamente, recebeu a instrução do QG de *«não se envolver, em caso em algum, em combates duros com os as unidades inimigas em retirada e não esgotar as nossas tropas em longos desvios; a eliminação dos fascistas cabe efectuar no essencial pelo poder de fogo, ao longo do percurso da sua retirada.»*

Meretskov não compreendeu o sentido desta nova directiva. Por isso telefonou para o QG para saber qual a razão da renúncia ao cerco do 36.<sup>o</sup> Corpo do Exército alemão. Responderam-lhe que devia conservar as suas forças para a libertação prioritária da região de Petsamo. O Extremo Norte tinha uma enorme importância para a Alemanha

---

<sup>66</sup> Merezkov, *op. cit.*, p. 337. [Ed. cit., pp. 389-390. (N. Ed.)]

<sup>67</sup> A. G. Golovko, *Zwischen Spitzbergen und Tiksi* (Entre Esvalbarda e a Baía de Tiksi), Moscovo, 1979, Berlim, 1986, p. 203. [Citações cotejadas com o oriental russo Головкин А. Г. *Вместе с флотом*, Финансы и статистика, 3.<sup>a</sup> edição, Moscovo, 1984, pp. 228-229. (N. Ed.)]

devido às reservas de níquel e das importantes bases navais e aéreas aí instaladas, onde estavam concentrados os submarinos e aviões para procurariam impedir as ligações marítimas soviéticas no mar de Barents. Como os alemães não davam sinais de retirar dessa região, tinham de ser obrigados pela força. Para cumprir essa tarefa era preciso concentrar tropas na região polar. A perseguição do 36.º Corpo do Exército alemão exigiria reservas necessárias na região de Murmansk. O QG até admitia destinar parte das forças da Frente da Carélia para a direcção Oeste.<sup>68</sup>

Este era o aspecto militar do problema militar. Mas ainda havia um outro político, sobre o qual o QG não podia, ou não considerou necessário, informar as tropas. Só passadas duas semanas, Meretskov soube da assinatura do armistício em 19 de Setembro, cujas negociações decorriam naquele período.

Na nova situação, a permanência de tropas alemãs no seu território era extremamente perigosa para o Governo finlandês. Receando ser acusado pelo Governo soviético de não cumprir as cláusulas do acordo, o executivo de Helsínquia foi obrigado a expulsar pela força os alemães. «*Este episódio é bastante instrutivo no plano histórico. Mesmo na guerra há situações em que a resolução política de um problema se revela mais eficaz do que a solução militar.*»<sup>69</sup>

No entanto, os fascistas alemães só concordaram em retirar as suas tropas até à região do Extremo Norte do Golfo de Bótnia.<sup>70</sup> O Governo finlandês viu-se na necessidade de combater os antigos aliados. Na primeira semana de Outubro, os finlandeses conseguiram conquistar as cidades portuárias de Kemi e Tornio no Golfo de Bótnia e iniciaram o ataque a Rovaniemi, onde se encontrava o Estado-Maior do 20.º Exército de Montanha, do general Rendulic, que destruiu a cidade e retirou para Petsamo.<sup>71</sup>

No final de Outubro, as tropas finlandesas tinham conseguido dividir as unidades alemãs em duas partes. Uma retirou para Noroeste, junto à fronteira finlandesa-norueguesa. A outra tomou posições junto ao lago Inari, controlando a via para Petsamo. As tropas alemãs ainda ocuparam a região Kilpis-Järvi durante seis meses, até que foram expulsas ou feitas prisioneiras pelos finlandeses.

No que toca à libertação de Petsamo, esta resultou das operações conjuntas das tropas da Frente da Carélia e unidades da esquadra soviética do Mar do Norte. A 29 de Setembro, Meretskov e o almirante Golovko concertaram o plano para derrotar os ainda poderosos restos do Exército da Lapónia na região de Petsamo.

A 7 de Outubro iniciou-se a ofensiva do lado terrestre e um dia mais tarde a partir do mar.

É de salientar a marcha de quatro dias do 126.º Corpo de Infantaria, muito referida na história militar internacional, atravessando a tundra, com todo o equipamento, canhões, lança-granadas e metralhadoras, transportados por cavalos e renas através de rios, pântanos e território montanhoso. Em completo silêncio, surpreenderam as tropas alemãs do lado em que não era de esperar nenhum ataque.

O já citado historiador suíço Jürg Meister sublinha o papel da artilharia soviética de costa na península de Ribatchi, a qual «*desempenhou um papel importante durante toda a guerra*». «*A partir de 1942 o fogo russo era excelente também durante a noite e*

---

<sup>68</sup> Merezkov, op. cit., p. 339 e seg. [Ed. cit., pp. 393-394. (N. Ed.)]

<sup>69</sup> Idem, ibidem, p. 340. [Idem, ibidem, pp. 395. (N. Ed.)]

<sup>70</sup> Idem, ibidem. [Idem, ibidem. (N. Ed.)]

<sup>71</sup> Idem, ibidem, p. 341. [Idem, ibidem. (N. Ed.)]

*com nevoeiro*».<sup>72</sup> As lanchas rápidas e os torpedeiros soviéticos distinguiram-se na operação de Petsamo pelo bem sucedido transbordo de tropas e pela conquista de Linachamari, o porto de Petsamo. A 15 de Outubro, as tropas da Frente da Carélia e unidades da esquadra do Mar do Norte libertaram Petsamo, e, a 25 de Outubro, durante a perseguição das tropas alemãs em território norueguês, a cidade de Kirkenes.<sup>73</sup>

A 29 de Outubro, Meretskov informou telefonicamente Stáline de que o Conselho Militar da Frente da Carélia tinha decidido na véspera dar como concluída a operação: os objectivos colocados à Frente da Carélia e à Frota do Norte foram integralmente cumpridos, os agressores fascistas liquidados e expulsos do Norte soviético. Para além disso, fora prestada ajuda à libertação da Noruega.

Stáline concordou com a decisão e ordenou que as tropas da Frente da Carélia não avançassem mais *«em território norueguês. Até receber instruções para a utilização das tropas da frente, proteja as direcções principais nos limites alcançados e constitua fortes reservas, e desloque-se pessoalmente ao QG.»*<sup>74</sup>

O Governo norueguês comunicou ao Governo soviético, através da sua missão militar em Moscovo, que ficaria reconhecido se o Exército Vermelho apoiasse a administração local e as forças do movimento de resistência norueguês.

A entrada do Exército Vermelho na Noruega tinha criado as condições propícias para uma acção conjunta com os destacamentos especiais, formados pelo Governo norueguês em território de outros países, com vista à libertação do país. Todavia, o transporte das tropas norueguesas para o Norte atrasou-se, e o trabalho inicial de organização das forças norueguesas no território libertado pela Frente da Carélia recaiu sobre o 14.º Exército soviético.

Esta cooperação do comando do 14.º Exército com a administração norueguesa e o movimento de resistência estava legalmente enquadrada no acordo entre o Governo norueguês e os governos da URSS, dos EUA e da Grã-Bretanha, de 17 de Maio de 1944, e no apelo do rei norueguês, Haakon VII, ao povo finlandês.

Mas as dificuldades em constituir destacamentos militares no Norte da Noruega eram grandes: *«As pessoas viviam aqui em aldeias ou quintas, distantes entre si até 100 quilómetros, não havia caminhos, transportes ou comunicações. A situação alimentar não podia ser pior. Faltava o equipamento necessário e o calçado era totalmente inexistente. Ninguém na população tinha recebido instrução militar e era impossível constituir um comando.»*<sup>75</sup>

Acresce que os fascistas, na sua retirada, tinham destruído Kirkenes e a pequena localidade de Neiden. O 14.º Exército ajudou a população com os seus meios, que também não eram abundantes. Partilhou as suas reservas alimentares, ajudou na construção de uma base hospitalar e no combate às doenças infecciosas, na instalação de redes de comunicação e na recuperação de instalações produtivas. Os membros da resistência receberam equipamentos e automóveis.<sup>76</sup>

---

<sup>72</sup> Meister, *op. cit.*, p. 185.

<sup>73</sup> Sobre o desenrolar dos combates, ver Merezkov, *op. cit.*, pp. 347-353; Golovko, *op. cit.*, p. 205-221.

<sup>74</sup> Merezkov, *op. cit.*, p. 352. [Ed. cit., pp. 408-409. (N. Ed.)]

<sup>75</sup> Schtemenko, *op. cit.*, p. 360. [Ed. cit., pp. 505-506. (N. Ed.)]

<sup>76</sup> Idem, *ibidem*. Ver também Noskov, *op. cit.*, p. 291.

No seu discurso radiofónico de 26 de Outubro, o rei norueguês elogiou a actuação das tropas soviéticas: «*Dispomos de inúmeras provas da amizade e simpatia para com o nosso país da parte do Governo e do povo da Rússia soviética. Acompanhámos com admiração a luta heróica e vitoriosa da União Soviética contra o nosso inimigo comum. O dever de cada norueguês consiste em prestar o máximo apoio ao nosso aliado soviético.*»<sup>77</sup>

Em Julho de 1945, o rei norueguês declarou: «*O povo norueguês seguiu com entusiasmo o heroísmo, a coragem e os golpes poderosos que o Exército Vermelho infligiu aos alemães (...) A guerra foi ganha pelo Exército Vermelho na Frente Leste. Foi exactamente esta vitória que conduziu à libertação do território norueguês no Norte pelo Exército Vermelho (...) O povo norueguês recebeu o Exército Vermelho como libertador.*»<sup>78</sup>

A este propósito, o ministro da Justiça norueguês enviou um telegrama a Meretskov: «*Na qualidade de membro do Governo norueguês sinto o desejo, senhor marechal, de vos manifestar, a vós como comandante desta Frente, a minha sincera gratidão.*»<sup>79</sup>

O Governo norueguês condecorou Meretskov com a Ordem do Santo Olavo.<sup>80</sup>

A 31 de Outubro, o *Presidium* do Soviete Supremo nomeou Meretskov como marechal da União Soviética.

Em Setembro de 1945, as tropas soviéticas retiraram do Norte da Noruega. O jornal norueguês *Aftenposten* escreveu: «*Os russos foram os primeiros a chegar e são também os primeiros a partir. Os noruegueses nunca esquecerão o que os russos fizeram por eles e pela causa comum da vitória sobre o inimigo.*»<sup>81</sup>

---

<sup>77</sup> Merezkov, *op. cit.*, p. 352. [Ed. cit., pp. 410. (N. Ed.)]

<sup>78</sup> *Pravda*, 5 de Julho de 1945. Citado segundo Noskov, *op. cit.*, p. 291.

<sup>79</sup> Merezkov, *op. cit.*, p. 352. [Ed. cit., pp. 410. (N. Ed.)]

<sup>80</sup> Idem, *ibidem*, p. 353. [Idem, *Ibidem*. (N. Ed.)]

<sup>81</sup> Citado segundo Noskov, *op. cit.*, p. 291.

## Índice de nomes

(acrescentado pela edição portuguesa)

**Brussilov**, Aleksei Alekseiévitch (1853-1926), militar russo e soviético, general de cavalaria (1912), ajudante-general (1916) e inspetor principal do Exército Vermelho (1923). Comandou o 8.º Exército no início da I Guerra e foi comandante-em-chefe da Frente Sudoeste a partir de Março de 1916. Distinguiu-se como um dos melhores cabos militares do primeiro conflito mundial. Em Junho de 1917 é nomeado comandante supremo do exército russo, em 1920 ingressa no Exército Vermelho.

**Bülow**, Otto von (1911- 2006), capitão da marinha de guerra alemã durante a II Guerra, foi comandante de vários submarinos. Feito prisioneiro pelos britânicos em Maio de 1945, foi libertado três meses depois. Volta integrar a marinha alemã (*Bundesmarine*) entre 1956 e 1970.

**Buschenhagen**, Erich, (1895-1994), militar alemão, serviu nas duas guerras, tornando-se coronel no início da II Guerra e chefe do Estado-Maior do 21.º Corpo do Exército. Participa na invasão da Polónia em Setembro de 1939 e na invasão da Noruega (Maio de 1940), sendo nomeado chefe do Estado-Maior do Exército da Noruega. Major-general (1941), comanda a 15.ª Divisão de Infantaria em França até ser transferido, em 1943, para a Frente Oriental, onde comanda o 52.º Corpo do Exército.

**Dietl**, Eduard (1890-1944), militar alemão, major-general (1936), comandou a 3.ª Divisão de Montanha que participou na invasão da Noruega, da Polónia e mais tarde da União Soviética a partir da Finlândia. Mantém-se no comando do 20.º Exército de Montanha, na Lapónia finlandesa, até sucumbir num desastre de aviação.

**Dirksen**, Herbert von (1882-1955), diplomata alemão que ficou conhecido por ter sido o último embaixador da Alemanha na Grã-Bretanha antes da eclosão da II

Guerra. Antes fora embaixador na URSS (1928-33) e no Japão (1933-38).

**Erfurth**, Waldemar (1879-1971), general de Infantaria alemão, foi oficial de ligação com o quartel-general finlandês de 1941 a 1944. É autor de um diário e de outras obras sobre a II Guerra.

**Falkenhorst**, Nikolaus von (1885-1968), militar alemão, participou na invasão da Dinamarca e da Noruega, tornando-se comandante das tropas alemãs estacionadas na Noruega entre 1941 e 1944. Foi condenado à morte em 1946, pena comutada em 20 anos de prisão, acabando por ser libertado em 1953 por motivos de saúde.

**Golovko**, Arseni Grigórievitch (1906-1962), almirante soviético (1944), membro do PCU(b) desde 1927, combateu na Guerra de Espanha e comandou a Frota do Norte entre 1940 e 1946. Após a guerra manteve-se no Estado-Maior da Marinha, do qual foi vice-chefe e chefe entre 1946 e 1952.

**Haakon VII** da Noruega, Christian Frederik Carl Georg Valdemar Axel, (1872-1957) foi o primeiro rei da Noruega depois da dissolução da união com a Suécia em 1905. Durante a ocupação alemã recusa submeter-se aos invasores nazis, sendo evacuado em Junho de 1940 para Londres, onde abdica do trono, não desistindo porém de incentivar a luta de resistência dos noruegueses.

**Hägglund**, Johan Woldemar (1893-1963), major-general finlandês, treinado na Alemanha, combateu ao lado dos brancos na guerra civil de 1918 e comandou o 4.º Corpo do Exército na guerra soviético-finlandesa.

**Halder**, Franz (1884-1972), general alemão, chefe do Estado-Maior General de 1938 até 1942, altura em que foi exonerado por divergências com Hitler. Após o atentado de Julho de 1944 foi acusado de ter sido o provável mentor e encarcerado no campo de concentração de Dauchau e mais tarde no



Tirol, de onde é libertado pelos norteamericanos.

**Heinrichs**, Axel Erik (1890-1965), militar finlandês, combateu na guerra civil ao lado dos brancos e na guerra sovieto-finlandesa. Em Junho de 1940 foi nomeado chefe dos Estado-Maior General e promovido a general de Infantaria.

**Ierógov**, Aleksandr Ilitch (1883-1939), membro do PCU(b) desde 1918, candidato do CC entre 1934 e 1938, oficial do exército na I Guerra, ingressa no Exército Vermelho em 1917, comandando várias unidades durante a guerra civil, designadamente na Frente Sul contra Deníkine e na Frente Sudoeste contra a Polónia, por cujos serviços recebe o título de marechal. Chefe do Estado-Maior General (1931-37), primeiro-vice-ministro da Defesa (1937-38), foi preso em 1938, julgado e condenado a execução por espionagem e preparação de actos terroristas.

**Jodl**, Alfred Josef Ferdinand (1890-1946), militar alemão, foi chefe de operações no Estado-Maior do Alto Comando do exército nazi durante a II Guerra. Julgado em Nuremberga foi condenado à morte e enforcado, em 16 Outubro de 1946, como criminoso de guerra.

**Kollontai**, Aleksandra Mikháilovna (1872-1952), membro do POSDR desde 1915, participante na Revolução de Outubro em Petrogrado. Membro do CC desde 1917, foi Comissária do Povo entre 1917 e 1918. Aderiu aos «Comunistas de Esquerda» em 1918 e à «Oposição Operária» entre 1920 e 1922. Foi a primeira mulher embaixadora no mundo. Representante de Negócios da URSS na Noruega (1923), no México (1926), embaixadora na Suécia (1930-1945).

**Linder**, Ernst (1868 - 1943), militar finlandês (1940), serviu no exército sueco, entrando para o exército finlandês em 1918 como coronel. Combateu ao lado dos brancos na guerra civil, tornando-se general de cavalaria em 1919. Na guerra sovieto-finlandesa foi comandante do corpo de voluntários sueco.

**Mannerheim**, Carl Gustaf Emil (1867-1951), chefe militar dos brancos finlandeses na guerra civil de 1918, comandante das forças armadas durante a II Guerra, foi regente da Finlândia (1918-19) e Presidente da República (1944-46).

**Manner**, Kullervo (1880-1939), jornalista e político finlandês, presidente do Partido Social-Democrata da Finlândia (1917-18), presidente do Conselho dos Plenipotenciários Populares da Finlândia (1918), fundador do Partido Comunista da Finlândia (1918) e seu presidente entre 1920 e 1924. Radicado na URSS após a derrota da revolução finlandesa, trabalha para o *Komintern* até ser preso, em 1935, acusado de ligações aos fascistas finlandeses. É condenado a dez anos de trabalhos forçados, vindo a falecer de doença num campo de reclusão.

**Nóvikov**, Aleksandr Aleksándrovitch (1900-1976), marechal soviético, militar do Exército Vermelho desde 1919, entrando para a Força Aérea em 1933. Participou na guerra civil e na guerra sovieto-finlandesa. Durante a II Guerra comandou as frentes da aviação como representante do QG do Comandante Supremo.

**Österman**, Hugo Viktor (1892-1975), militar finlandês, combateu na guerra civil ao lado dos brancos, tornando-se general de infantaria em 1930 e simultaneamente ministro-adjunto da Defesa. Comandante-em-chefe das Forças Armadas (1933), é exonerado após os primeiros reveses na guerra sovieto-finlandesa e substituído por Mannerheim.

**Paasikivi**, Juho Kusti (1870-1956), político finlandês, primeiro-ministro em 1918 e de 1944 a 1946, e presidente da República de 1946 a 1956.

**Procopé**, Hjalmar Johan Fredrik (1889-1954), político e diplomata finlandês, foi ministro dos Negócios Estrangeiros em vários governos, nos anos 20 e 30. Entre 1939 e 1944 foi embaixador da Finlândia em Washington.

**Raeder**, Erich Johann Albert (1876-1960) comandante supremo da Marinha de Guerra da Alemanha (almirante) antes e durante a Segunda Guerra Mundial até 1943, quando foi substituído por Karl Dönitz. Julgado e condenado à prisão perpétua em Nuremberga, foi libertado alguns anos depois por razões de saúde.

**Rendulic**, Lothar (1887-1971), militar de origem croata, serviu nos exércitos austro-húngaro, austríaco e alemão. Na II Guerra comandou sucessivamente a 14.<sup>a</sup> (1940) e a 52.<sup>a</sup> (1940-42) divisões de Infantaria, o 35.<sup>o</sup> Corpo de Exército (1942-43), o 2.<sup>o</sup> Exército Blindado na Jugoslávia (1943-44), o 20.<sup>o</sup> Exército de Montanha (1944-45) e, a partir de Junho de 1944, os grupos de exércitos que ocupam a Finlândia e a Noruega. Deu ordem para a destruição da cidade finlandesa de Rovaniemi. Em 1945 comanda os grupos de exércitos da Curlândia (cercados na Lituânia), a seguir os grupos de exércitos do Norte, terminando a guerra à frente dos grupos de exércitos do Sul, que combatem na Áustria e na Checoslováquia., onde se rende em 7 de Maio de 1945.

**Ribbentrop**, Friedrich Wilhelm Joachim von (1893-1946), ministro dos Negócios Estrangeiros da Alemanha Nazi (1938-1945). Foi julgado pelo Tribunal de Nuremberga e executado por crimes de guerra.

**Rüdiger** von der Goltz, Gustav Adolf Joachim (1865-1946), general alemão durante a I Guerra, comandou o exército germânico do Báltico, tendo um papel decisivo na contra-revolução nos países bálticos e na Finlândia.

**Ryti**, Risto Heikki (1889-1956), presidente da Finlândia entre Dezembro de 1940 e Agosto de 1944. Antes foi primeiro-ministro (1939-40), ministro das Finanças (1921-24) e presidente do Banco da Finlândia (1925-39).

**Schmundt**, Rudolf (1896 -1944), oficial alemão, general de Infantaria (1944), chefe do Departamento de Pessoal do Exército nazi, foi uma das vítimas mortais ao atentado fracassado contra Hitler, em 20 de Julho de 1944.

**Stumpff**, Hans-Jürgen (1889-1968), general alemão da *Luftwaffe*, comandou a 5.<sup>a</sup> Esquadra durante a II Guerra e participou na assinatura da rendição incondicional da Alemanha, em 8 Maio de 1945, em Berlim. Foi libertado pelos britânicos em 1947.

**Talvela**, Paavo Juho (1897-1973) militar finlandês, comandante de batalhão na guerra civil, foi promovido a general durante a guerra sovieto-finlandesa, na qual comandou um grupo designado com o seu nome e o 3.<sup>o</sup> Corpo no Istmo da Carélia, em Fevereiro de 1940. Entre 1942 e 1944 foi o representante finlandês no alto comando nazi.

**Tríbuts**, Vladímír Filípovitch (1900-1977), almirante soviético (1943), comandante da Frota do Báltico entre 1939 e 1947, ingressou na Frota Vermelha em 1918 e combateu na guerra civil. Membro do PCU(b) desde 1928 e da Comissão Central de Fiscalização (1941-52). É autor de mais de meia centena de obras sobre história militar e de vários livros de memórias.

**Tuompo**, Viljo Einar (1893-1957), militar finlandês, comandou o Grupo Norte de tropas durante a guerra sovieto-finlandesa. Foi promovido a tenente-general em 1941.

**Wallenius**, Kurt Martti (1893-1984), militar finlandês treinado na Alemanha, combateu ao lado dos brancos na guerra civil de 1918, sendo depois nomeado comandante do regimento de Guarda da Lapónia. Promovido a major-general (1930), envolve-se no movimento fascista *Lapua*, do qual se torna secretário-geral. Na guerra sovieto-finlandesa comanda o grupo de tropas da Lapónia, sendo exonerado após a derrota frente ao Exército Vermelho na Baía de Viipuri, em Março de 1940.

**Weizsäcker** Ernst Heinrich Freiherr von (1882-1951), político e diplomata alemão foi Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros de 1938 a 1943, e embaixador da Alemanha no Vaticano de 1943 a 1945.